

**É PREFERÍVEL A ANGÚSTIA DA BUSCA À PAZ DA
ACOMODAÇÃO: KIERKEGAARD E O EXERCÍCIO DA
SINGULARIDADE**

[IT IS PREFERABLE THE ANXIETY OF THE SEARCH FOR
PEACE OF ACCOMMODATION: KIERKEGAARD AND THE
EXERCISE OF SINGULARITY]

Kamila Fernanda Barbosa Sampaio

*Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, UFMA
(E-mail: kamilasampaio92@outlook.com)*

Leonardo Silva Sousa

*Mestre em Cultura e Sociedade (Mestrado Interdisciplinar), pela UFMA
(E-mail: leonnardo.sousa@botmail.com)*

Recebido em: 27 de abril de 2018. Aprovado em: 13/05/2018

É preferível a angústia da busca à paz da acomodação: Kierkegaard e o exercício da singularidade

SAMPAIO, B. F. K.; SOUSA, S. L.

Resumo: O objetivo do artigo é analisar o exercício da singularidade a partir de Abraão, o “cavaleiro da fé” de *Temor e Tremor*. Ao aceitar o sacrifício como prova de fé, Abraão encontra a angústia, o desespero e o paradoxo. No entanto, o cavaleiro da fé, mantém-se perseverante em sua caminhada, estabelecendo uma relação absoluta com o Absoluto. O objetivo deste trabalho consiste em compreender a jornada de Abraão como um exercício do ser humano pela busca por uma existência singular e autêntica, capaz de desafiar a angústia, o sofrimento e a dor, situações que não podem ser ignoradas pelo homem.

Palavras-chave: Søren Kierkegaard. Cavaleiro da fé. Angústia. Dor.

Abstract: This paper aims to analyze the exercise of the singularity from Abraham, the "knight of faith" of fear and trembling. By accepting the sacrifice as proof of faith, Abraham finds the anguish, the despair and the paradox. However, the knight of faith, stands firm in his walk, establishing an absolute relationship with God. The objective of this study is to understand Abraham's journey as an exercise of the human being in search of a unique and authentic existence, capable of defying anguish, suffering and pain, situations that cannot be ignored by man.

Key-words: Søren Kierkegaard. Knight of faith. Anxiety. Pain

INTRODUÇÃO

Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) é um dos grandes filósofos da segunda metade do século XIX. O problema da existência está entre uma das diversas questões filosóficas que pensadores como Heráclito, Platão e o medieval Santo Agostinho ousaram meditar. Em Kierkegaard, esta questão surge com enorme vivacidade nas linhas de seus livros provocantes, caracterizados pelo tom de ironia que o filósofo da cidade de Copenhague só poderia ter herdado daquele que vivia sob a companhia de um gênio maligno, o parceiro de alma Sócrates. Kierkegaard não nega a importância desse homem para o ocidente, ao lado de Cristo.

Kierkegaard incita os leitores de suas obras – contemporâneos ou homens da posteridade – a um diálogo radical com a existência. A obra do filósofo surge como um convite para aqueles que desejam pensar a fundo sobre a angústia, a solidão, o desespero e a fé, questões tão importantes para o ser humano e que não podem ser ignoradas.

Por ser um existente, o homem não deve viver uma vida ordinária, mas responsabilizar-se com ela, entendendo que ela é caracterizada pelo devir e, portanto, aberta para transformações e escolhas decisivas. O homem deve atingir sua singularidade. A travessia para a autenticidade acompanha o sofrimento, a angústia e a coragem do próprio existente em aceitar a vida como uma jornada na procura por autoconhecimento e pela possibilidade de transformação de si mesmo, em uma prática efetiva e apaixonada. Esta parece ser a situação de Abraão, tratada por Johannes de Silentio, pseudônimo de Kierkegaard no escrito estético de *Temor e Tremor* (1843). Abraão aceita a missão na qual deve provar sua fé e obediência ao Absoluto, responsabilizando-se por ela na busca pela relação com a fonte originária de toda vida que é Deus. O propósito deste trabalho consiste em compreender a jornada de Abraão como um exercício do indivíduo na busca por uma existência singular e autêntica, capaz de desafiar a angústia, o desespero e a dor. Partiremos para uma análise crítica e existencial de Abraão e sua situação diante do sacrifício. Em seguida, refletiremos sobre a angústia e o desespero, refletidas pelo filósofo dinamarquês como experiências que podem servir de aprendizado para que o indivíduo atinja o si mesmo, tornando-se um existente singular.

2 O ELÓGIO DE SILENTIO AO PATRIARCA

O *Temor e Tremor* de 1843 é uma obra estética de Kierkegaard, onde há a predominância de uma escrita de caráter literário-filosófico. Afinal, o seu autor, se denomina como um poeta e aquele que não está escrevendo um tratado ou uma promessa de sistema filosófico. Johannes de Silentio, o poeta amadurecido, quer tratar da experiência da fé, resgatando uma das histórias mais fantásticas das escrituras sagradas. A história é a de Abraão, o homem designado para uma tarefa especial, uma prova de fé e obediência ao Divino. O poeta, maravilhado com esta personagem chega a perguntar em seu *Temor e Tremor*: “gerações sem número souberam de cor, palavra por palavra, a história de Abraão, mas quantas tiveram insônia por sua causa?” (KIERKEGAARD, 1979a, p. 123). Silentio quer saber quantos indivíduos – contemporâneos ou póstumos a Abraão – se inclinaram a tentar se colocar na situação do patriarca, uma condição limite entre uma escolha que poderia ser decisiva para a sua existência.

Embora admita que não possua fé, Silentio se propõe a tentar expor algumas reflexões sobre esta experiência e a crença no absurdo que Abraão conserva o que lhe parece ser um passatempo agradável e laborioso. Abraão crê no absurdo, que no momento do sacrifício de seu primogênito ao Ser Eterno, este, em sua justiça soberana, o devolveria novamente. Qual homem, em sua consciência do dever paterno teria a coragem de fazer o mesmo de Abraão? Mas Abraão se tornou grande, como afirma Silentio: “Abraão foi o maior de todos: grande pela energia cuja a força é fraqueza, grande pelo saber cujo o segredo é loucura, pela esperança cuja a forma é demência, pelo amor que é ódio a si próprio” (KIERKEGAARD, 1979a, p. 118)³, e assim o patriarca lutou, não para salvar um povo ou um homem, mas para salvar a si mesmo, pois além de tentar provar sua obediência e confiança no Absoluto, há também em Abraão, o desejo por uma transformação existencial. O que motiva este indivíduo é a possibilidade de estabelecer uma relação absoluta com o Absoluto através de um salto ao infinito.

Johannes de Silentio declama seu louvor ao patriarca, batizando-o de o cavaleiro da fé. O cavaleiro da fé é aquele que se resigna infinitamente, e que ao realizar a tomada de

³ Ricardo Quadros Gouvêa argumenta que Kierkegaard, sob a posse de Johannes de Silentio quer falar da experiência de Abraão como uma experiência de fé e o patriarca, por sua vez, seria um paradigma e exemplo de fé para o cristão: “Kierkegaard define a fé como este poder, esta sabedoria, esta esperança este amor. Fé é auto-abnegação, é loucura, é demência e fraqueza” (GOUVÊA, 2009, p. 168).

É preferível a angústia da busca à paz da acomodação: Kierkegaard e o exercício da singularidade
SAMPAIO, B. F. K.; SOUSA, S. L.

consciência do seu valor enquanto criatura eterna – movimento que também pode ser realizado por qualquer outro homem - também está se esforçando em efetuar o movimento da fé, e nisto reside sua diferença em relação ao cavaleiro da resignação, pois este não alcança a fé. Abraão tem consciência que a sua situação é a de um existente experimentando uma situação limite, onde a única coisa que pode lhe salvar é a fé. Por isso crê no absurdo, na possibilidade de reaver o jovem Isaac, não em tempos vindouros, mas ainda em sua temporalidade.

A fé de Abraão faz com que este permaneça perseverante em sua caminhada, firme em sua peregrinação. E a peregrinação de um cavaleiro da fé, é uma peregrinação solitária, pois nem uma pilha ou centenas de homens podem lhe socorrer. Entender-lhe já é um exaustivo sacrifício e prestar-lhe socorro um labor destinado ao fracasso, pois um cavaleiro da fé não admite o auxílio de ninguém, a não ser Deus em seu específico designio. Este interessante indivíduo é capaz de “converter em resignação infinita a profunda melancolia da vida; conhecer a felicidade do infinito; experimentar a dor da total renúncia **àquilo que mais ama no mundo** – e, no entanto, saborear o finito com tão pleno prazer” (KIERKEGAARD, 1979, p. 132a, grifo nosso). Tratando-se de Abraão, “àquilo que mais ama no mundo” é justamente o primogênito que tanto pediu a Deus. Abraão quer alcançar o infinito, mas também não quer perder o seu filho. Apenas pelo absurdo, isto pode ser possível. A fé o encoraja a se arriscar e a permanecer confiante que por meio de sua ação, há de recuperar ou reaver Isaac na temporalidade. Uma temporalidade carregada da experiência da eternidade, uma temporalidade ao lado do filho que tanta ama.

Para que a história de Abraão ganhe uma dimensão filosófica e existencial, Silentio desenvolve três *problemas* a fim de meditar sobre a situação vivenciada pelo patriarca e a relação de seu ato com a ética, o dever para com Deus e com seus familiares. O que interessa nesse trabalho é refletir sobre os dois primeiros problemas: I – *Se há uma suspensão teleológica da moralidade?* e II – *Se há um dever absoluto para com Deus?* No primeiro problema, Silentio assinala que “tomado como ser imediato, sensível e psíquico, o Indivíduo é o Indivíduo que tem o seu *telos* no geral; a sua tarefa moral consiste em despojar-se do seu caráter individual para alcançar a generalidade” (KIERKEGAARD, 1979a, p. 142). O indivíduo relaciona-se com o coletivo humano no qual está inserido. O seu *telos* é determinado pelo geral e assim deve abdicar de sua individualidade, para representar a generalidade. Abraão contraria esta ideia, já que o caráter de sua ação é individual e por isso, não se assemelha à Jefte, Agamenom

É preferível a angústia da busca à paz da acomodação: Kierkegaard e o exercício da singularidade
SAMPAIO, B. F. K.; SOUSA, S. L.

e Brutus⁴, heróis trágicos mencionados por Silentio que ignoram com muita dor e sofrimento, seus sentimentos e desejos individuais, optando pela obediência e subserviência ao dever ético.

O dever ético que toma o universal como ponto de partida não interessa ao cavaleiro da fé Abraão. O patriarca está sob o signo do paradoxo, um paradoxo que envolve uma elevação do Indivíduo que agora se encontra acima do geral. O Indivíduo eleva-se a tal ponto que chega a divergir-se dos seus contemporâneos. Mas, a sua maior aspiração é superar sua condição terrena, superar-se a si mesmo e relacionar-se absolutamente com o Absoluto. Abraão percorre o movimento do absurdo, como expõe Silentio: “move-se em nome do absurdo; porque o absurdo consiste em que está como Indivíduo acima do geral” (KIERKEGAARD, 1979a, p. 142). Sua ação, por não apresentar nenhuma manifestação na ética acaba por ser contestada pelo geral, mas tomada como sacrifício e prova de fé pelo Ser Eterno.

Silentio afirma que em sua ação, o cavaleiro da fé suspende de maneira teleológica a ética. Entra em uma relação absoluta com Deus por meio do salto. Para Saltar em direção ao infinito, a fé é necessária, pois ela dá suporte a crença no absurdo e a retomada da temporalidade. O herói trágico, depois de oferecer o maior bem que possui em sacrifício, encontrará uma paz e um reconhecimento que só o geral há de lhe proporcionar. Mas e o cavaleiro da fé? Silentio afirma: “àquele que se segue a senda da fé, ninguém o pode ajudar, ninguém o pode compreender” (KIERKEGAARD, 1979a, p. 149). Portanto, penosa é a trajetória deste existente. Mas, ao invés de reclinar-se no geral, persiste na tribulação e na sua angustiante jornada, sem recuar. Assim como Maria, a mulher escolhida para gerar Cristo, Abraão se torna grande por ter suportado como enfatiza Silentio, a tribulação, a angústia e o paradoxo de maneira solitária, pois assim como a mãe do escolhido, ninguém poderia lhe acolher diante de sua situação.

No segundo problema, refletido por Silentio, o poeta afirma que “a moralidade é o geral e, como tal, também o divino. Por conseguinte, há razão em dizer que todo dever é, no fundo, dever para com Deus” (KIERKEGAARD, 1979a, p. 150). Será esta, uma verdadeira

⁴ É comum Kierkegaard utilizar personagens – sejam elas históricas ou mitológicas – a fim de ilustrar problemas que envolvem a dimensão ética, existencial e religiosa do existente. Os heróis trágicos Agamenom, Brutus e Jefté são personalidades que desempenham o papel de heróis éticos, que sacrificam os seus filhos em prol do universal, do coletivo humano. Como recorda Gouvêa: “o herói trágico é a figura ética por excelência. As ações de Agamenom, Brutus e Jefté são ações éticas por excelência. Seus casos envolveram um conflito entre seus deveres como pais e seus deveres como cidadãos” (2009, p. 230).

É preferível a angústia da busca à paz da acomodação: Kierkegaard e o exercício da singularidade
SAMPAIO, B. F. K.; SOUSA, S. L.

sentença? Na relação com o dever, o indivíduo pode até tomar o absoluto como a figura e a ponte para o exercício do dever moral. Mas, Silentio adverte que nem por isso o indivíduo está a par de uma relação com Absoluto: “assim sucede com o dever de amar ao próximo: é dever, na medida em que este amor está referido a Deus; no entanto, no dever não entro em relação com ele, mas com o próximo que amo” (KIERKEGAARD, 1979a, p. 150). Deus funciona como uma imagem ilustrada na consciência do existente sem que ocorra uma relação de dever absoluto para com ele.

O problema reside na complicada tentativa de ilustração da Divindade através do geral. A exterioridade, isto é, a generalidade humana ganha a suposta expressão do Divino o que representa um enorme equívoco. Se o dever se torna um dever universal, onde o geral é a expressão direta do Absoluto, o existente poderia se ocupar de uma vida de caráter ético, sem qualquer esforço para se aprofundar em sua interioridade. O autor-poeta está falando da possibilidade de uma “nova interioridade”⁵ que só pode ser adquirida pelo existente através da fé e que o qualifica como ser humano singular divergindo-se do universal, representado pelos homens inseridos no coletivo ético.

Envolvido pelo paradoxo da fé, o Indivíduo singular determina a sua relação com Deus, tomando como indicador o próprio Ser Eterno ao invés do geral. O Indivíduo não ignora o poder e a contribuição da ética para a vida humana, embora acabe constatando os limites desta ciência no que concerne o dever absoluto com a Divindade. A relação do Absoluto com este existente não deriva para um individualismo que ignora o outro, pois como afirma Silentio “o amor para com Deus pode levar o cavaleiro da fé a dar o seu amor para com o próximo a expressão contrária do que, do ponto de vista moral, é o dever” (KIERKEGAARD, 1979, p. 151) e esta é a situação de Abraão, onde o sacrifício de Isaac não anula o amor que o pai sente pelo filho. A fé é a garantia absurda que faz com que o patriarca conserve a confiança de que poderá retornar para casa com o seu filho, de que pelo fato de amar tanto o seu menino, é capaz de oferecê-lo em holocausto, acreditando na esperança de reavê-lo. A fé é a experiência que encaminha o Indivíduo para o

⁵ Aqui se fala de uma nova interioridade, muito bem enfatizada por Silentio no *Temor e Tremor*: “o paradoxo da fé consiste em que há uma nova interioridade incomensurável em relação à exterioridade, e esta interioridade, importa notá-lo não é idêntica à precedente, mas uma nova interioridade” (KIERKEGAARD, 1979, p. 151). O poeta está direcionando esta passagem para as filosofias de sistemas que tratavam de interpretar a fé como uma experiência de caráter imediato, onde a Filosofia se apresentaria como um conhecimento superior. A “nova interioridade”, como menciona Gouvêa, baseia-se em uma “segunda imediatez, uma interioridade duplamente refletida, acima e além do ético-universal” (2009, p. 247).

É preferível a angústia da busca à paz da acomodação: Kierkegaard e o exercício da singularidade
SAMPAIO, B. F. K.; SOUSA, S. L.

desenvolvimento de uma relação absoluta com o Absoluto determinada primordialmente pelo existente e não pelo geral.

3 É PREFERÍVEL A ANGÚSTIA DA BUSCA À PAZ DA ACOMODACÃO – O EXISTENTE EM BUSCA DE SUA SINGULARIDADE E AUTENTICIDADE

A atenção que Silentio dá a Abraão ganha enorme sentido quando somos convidados a ler algumas das páginas de *Temor e Tremor*. Curioso é que este velho homem não era um erudito, alguém que possuía grandes riquezas na terra, mas um existente assim como nós. Só que o patriarca atinge um grau elevado de existência, experimenta o sabor da Eternidade por meio de uma ação aterrorizante para aqueles que não conhecem o quanto pode ser absurda a experiência da fé e os designios de Deus. Abraão causa admiração em Silentio por ter retornado da experiência com o infinito retomando a temporalidade. Na verdade, o patriarca retorna transformado e o conteúdo dessa experiência é capaz de estimulá-lo ainda mais para o estabelecimento de uma relação com Deus.

A eternidade entra no tempo, pela experiência de fé. Guiomar de Grammont argumenta que “o que faz do valor do ato de Abraão, o que o torna um “cavaleiro da fé” é que ele permanece um homem, um ser que tem que se libertar das suas limitações e, ao mesmo tempo, as conserva para alcançar o infinito” (2003, p. 88). Ora, Abraão está neste limiar, entre a experiência e o contato com o infinito – a mediação com o Absoluto - e aquilo que conserva grande parte de seu ser na finitude – o filho Isaac. Ele alcança o infinito, mas não se esquece da temporalidade e nisto reside sua grandeza. Assim, Abraão, após a experiência no monte de Moriça pode retornar para sua humilde casa com o seu filho, pode enfrentar as turbulências que podem aparecer em sua vida, assim como as crises que assolam qualquer existente, que podem ser derivadas da experiência da angústia e do estado de desespero.

A experiência da angústia e do desespero são condições experimentadas por nós, situações que não podemos deixar passar em branco, pois para Kierkegaard elas podem ser decisivas para a existência. A angústia advém, como nota France Farago, “do fato de Deus deixa[r] o homem livre, à sua imagem, para operar, por seus atos concretos, as escolhas em que se projeta a fim de construir-se, “edificar-se”” (2006, p. 96, trecho modificado). O

É preferível a angústia da busca à paz da acomodação: Kierkegaard e o exercício da singularidade
SAMPAIO, B. F. K.; SOUSA, S. L.

homem angustia-se, pois como um existente, deve arcar com o peso das escolhas e dos atos por ele efetuados. Ele deve ser responsável por construir sua história e no curso dessa caminhada, a angústia não pode ser ignorada, pois ela vale como expressão da condição de um movimento que antevê o ressoar da liberdade. Diante da angústia, o homem salta rompendo com sua imediatez, sendo capaz de progredir qualitativamente na existência.

Ignorando-a, o existente anula-se enquanto Espírito (Eu), o terceiro termo da síntese que é indivíduo, síntese de psíquico e de corpóreo, como pronuncia o Vigia de Copenhague de *O conceito de angústia* (1844). O espírito deseja a experiência da liberdade que aparece como vertigem. Ignorando a angústia, o homem ignora a possibilidade de desenvolver o Espírito e experimentar o possível da liberdade. E só no possível, como categoria existencial que nos constitui, o existente poderá alcançar esta singularidade de que estamos falando, desenvolvendo o Espírito e maior consciência de si mesmo. A angústia é fundamental para o homem.

O desespero é uma enfermidade mortal. O existente sofre desta condição quando negligencia a possibilidade de se tornar um Eu concreto. O estado do existente que se encontra na doença mortal é como o estado de uma flor com suas pétalas a murchar lentamente. As pétalas podem ser simbolicamente interpretadas como os termos que caracterizam um indivíduo, dado que para Kierkegaard, na voz de Anti-Climacus, o homem constitui-se como “uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em suma, uma síntese. Uma síntese é a relação de dois termos” (KIERKEGAARD, 1979b, p. 195). Nesse ponto, o Eu só pode surgir quando o existente relaciona-se com os termos que o caracterizam. Termos estes, que estão em discordância.

Para Anti-Climacus, o ato de desesperar já prefigura que o homem é uma criatura diferenciada das demais. Para o autor religioso, “todos nós somos uma síntese com uma finalidade espiritual” (KIERKEGAARD, 1979b, p. 217), mas muitos indivíduos não se colocam na tarefa de realizar este empreendimento. Quando resiste a esta atividade, ignorando-a, o existente é consumido pela doença mortal em suas diversas apropriações⁴: ora desespera-se diante dos termos que o constituem, ora desespera-se quanto aos níveis de consciência da doença mortal.

⁴ Anti-Climacus em sua *Enfermidade Mortal* de 1849 apresenta as diversas formas de desespero que podem tomar o homem. A intensidade e a forma de desespero revelam o grau de consciência do homem diante de sua instabilidade existencial e da consciência que possui sobre si próprio enquanto um ente que não é apenas imediato, mas que deve desenvolver o seu Espírito.

É preferível a angústia da busca à paz da acomodação: Kierkegaard e o exercício da singularidade
SAMPAIO, B. F. K.; SOUSA, S. L.

Se a angústia e o desespero são experiências que uma hora ou outra aparecerão na vida do existente, o homem necessita enfrentá-las. Abraão passa pela experiência da angústia, mas o patriarca possui fé, “a certeza interior que antecipa a infinitude” (KIERKEGAARD, 2010, p. 165) como atesta O vigia de Copenhague, curiosamente, baseando-se naquilo que Hegel havia conceituado como fé. O existente está lançado na possibilidade e pela angústia constata que é um *ser-capaz-de*. Mas para não se perder num afã de possibilidades, relacionando-se negativamente com a angústia, a fé é o suporte necessário para o indivíduo: “com o auxílio da fé, a angústia ensina a individualidade a repousar na providência” (KIERKEGAARD, 2010, p. 170). Auxiliado por esta que é a mais alta paixão que um homem pode alcançar, Abraão repousa seguro na providência, confiando que Deus tem um propósito especial para ele.

Em se tratando da doença mortal, Anti-Climacus afirma com enorme convicção: “o cristão é o único que conhece a doença mortal. [...] A lição horrível do cristão está em ter aprendido a conhecer a doença mortal” (KIERKEGAARD, 1979b, p. 192). Diferente do homem natural, caracterizado por sua natureza imediata, o cristão reconhece sua condição, admitindo que no íntimo de sua existência, reside um desconforto que precisa ser tratado, os termos da síntese estão em tensão, na necessidade de uma âncora capaz de firmar as categorias do possível e do necessário, do temporal e do eterno, do finito e do infinito. Esta âncora é Deus. Abraão pode até não saber falar com a propriedade do autor Anti-Climacus a respeito da doença mortal, mas sabe que em seu interior reside um desconforto e paralelo isso, uma vontade de transformação existencial, um desejo em tornar-se um si mesmo. Cabe destacar que para Anti-Climacus, a intensidade do desespero é muito maior naqueles que possuem consciência de sua manifestação. E como o cristão é aquele grande consciência do enfermo, é provável que este sofra muito mais do que um esteta que se dedica a uma existência hedonista e poética ou um homem vivendo em equilíbrio com o dever, consciente de suas responsabilidades no local onde trabalha, assim como no seio familiar. Para enfrentar a enfermidade mortal, o combatente precisa estar alicerçado com munição e mantimentos que apenas o Absoluto é capaz de proporcionar como atesta Farago: “a solução acessível a este ser problemático, que é por essência o homem, é a fé paradoxal. Noutras, palavras, é o relacionamento de toda relação com a força que o pôs: Deus, ali onde se faz a junção do incondicionado e da condição” (2006, p. 99). Enfrentar o desespero implica na correta relação com Deus, àquele que proporcionou a cada existente, a possibilidade de se tornar um

É preferível a angústia da busca à paz da acomodação: Kierkegaard e o exercício da singularidade
SAMPAIO, B. F. K.; SOUSA, S. L.

Espírito. Mas, esta empresa também depende do esforço do indivíduo. A existência não é algo dado, ela necessita ser exercitada e o existente deve responsabilizar-se por ela, escolhendo, arriscando-se e afirmando-a com paixão. No desespero, o existente deve digladiar com a doença mortal, buscando tornando-se um eu concreto.

Abraão, em toda sua caminhada está buscando realizar o movimento da fé e nela, o cavaleiro da fé encontra o alicerce necessário para que possa realizar a tarefa. Abraão acredita e por acreditar em Deus, a força que lhe concedeu a possibilidade de tornar-se um Eu, não vivencia o desespero que para o verdadeiro cristão aparece na condição de não-verdade (pecado). No esforço em tentar alcançar a relação absoluta com o absoluto, Abraão realiza a tarefa de tornar-se um si mesmo, distanciando-se da doença do Espírito.

O título desse trabalho deriva de uma interessante frase proferida por Dom Resende Costa, famoso bispo brasileiro dos anos de 1930. Este homem religioso teria afirmado que “*É preferível a angústia da busca à paz da acomodação*”. O homem é potencialmente caracterizado por ser um ente que escolhe, executando ações determinantes para sua vida. O que muitos indivíduos buscam em suas estadas existenciais são a paz e conforto que podem ser encontrados no ambiente familiar, em um bom emprego, assim como na presença de amigos. Diante desse agradável cenário, será que muitos desses existentes se perguntam sobre o sentido ou finalidade de suas vidas? Afinal, chegam a perguntar se estão vivendo uma existência com consciência e singularidade ou estão na verdade, tratando-a como um vagão abandonado, sem qualquer conteúdo? Anti-Climacus, em *O desespero Humano*, fala de uma casa que contém uma cave, rés-do-chão e um primeiro andar, comparando a vida aos compartimentos dessa casa. Para o autor religioso, muitos homens, vivendo uma existência ordinária preferem ao invés do primeiro-andar, residir na cave. Embora esteja tratando da cave como uma metáfora a representar a existência daqueles que habitam as categorias da sensualidade, é possível pensar a cave como a moradia de homens que não se arriscam no devir da existência. Que se lançam na segurança da multidão, buscando conforto e tranquilidade. O indivíduo, deste modo anula-se no coletivo humano, tornando-se um existente objetivo, mediado pela história e pelas convenções sociais.

As escolhas, os dramas existenciais, a angústia e o desespero não podem passar ao lado do indivíduo ao tal ponto que ele mantenha uma relação frívola com estas experiências que remetem a sua condição existencial. Aceitar a existência como um contínuo devir

É preferível a angústia da busca à paz da acomodação: Kierkegaard e o exercício da singularidade
SAMPAIO, B. F. K.; SOUSA, S. L.

desafiando as tribulações que aparecem na vida caracteriza o existente que anseia pelo desejo de adquirir, autenticidade, singularidade e consciência de si.

A jornada de Abraão - que vem a se tornar pelo seu esforço individual, um cavaleiro da fé – é a caminhada silenciosa de um homem que confia na providência, na ansiedade de alcançar uma relação absoluta com Deus. Abraão alcança o estágio de graça por meio de sua fé, mas também atinge singularidade e autenticidade eternizando o seu nome na escritura sagrada. O patriarca alcança esse feito porque decide suportar toda a dor e o sofrimento de sua caminhada sem a ninguém comunicar. Porque se contrapõe de maneira radical a multidão de seu tempo já que não busca as respostas para suas inquietudes no geral. É ele que deve se responsabilizar por sua situação, é ele que deve encontrar as respostas para suas perguntas. Abraão torna-se autêntico para si e diante de um espelho não enxerga a imagem de um eu qualquer, mas um Eu que se tornou Indivíduo, comprometido com a existência, que aceita a solidão, o sofrimento, a angústia e o desespero a fim de alcançar o primeiro-andar de que fala Anti-Climacus, ao invés de residir em uma escura cave. O que lhe parece motivar é uma *angústia da busca à uma paz da acomodação* onde ousamos arriscar que Kierkegaard concordaria com esta frase de Dom Resende Costa. Afinal, a experiência da angústia deriva do possível da liberdade, onde o espírito deseja se manifestar. O que o espírito busca afinal é a liberdade que aparece como vertigem. Através da angústia, o homem pode lançar-se na existência, saindo de sua zona de conforto e experimentando as possibilidades que assim lhe aparecem, conhecendo os riscos que a experiência da angústia comporta, mas sempre que possível, buscando por meio dessa experiência, um conteúdo ou conhecimento capaz de somar para a sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um século onde o trabalho filosófico se caracterizava pelo estabelecimento de sistemas racionais, Kierkegaard surgiu como um pensador apontando para um novo horizonte. A proposta de sua filosofia é tratar de pensar a existência concreta, partindo de situações e experiências pessoais enfrentadas pelo existente. Kierkegaard parece desenvolver uma interdisciplinaridade ao construir a sua obra: tornar-se psicólogo quando necessário, utiliza seus conhecimentos sobre teologia para tratar de temáticas cristãs como é o caso do

É preferível a angústia da busca à paz da acomodação: Kierkegaard e o exercício da singularidade
SAMPAIO, B. F. K.; SOUSA, S. L.

livro *O conceito de Angústia* sem deixar de desenvolver uma filosofia existencial que não economiza na utilização de elementos literários e poéticos para tocar a consciência do atento leitor.

Em seu *Ponto de Vista Explicativo* (1848) o filósofo dánes confessou que o principal objetivo de sua obra, organizada entre escritos de natureza heterônima e homônima, foi tentar tratar de uma questão decisiva para os homens e mulheres de seu tempo: *o tornar-se Indivíduo*. O filósofo observava nas ruas de Copenhague o fenômeno da multidão que era a cristandade onde todos se consideravam cristãos, do sapateiro ao comerciante, do bancário ao homem sensual. Sua obra surgiu diante de “uma irresistível necessidade interior” (KIERKEGAARD, 1986, p. 25), onde o filósofo dinamarquês encarregou-se da tarefa de estimular os seus contemporâneos dinamarqueses a despertarem da grande ilusão que viviam. As obras estéticas e edificantes possuíam um papel decisivo para estes existentes, visto que poderiam insuflar ideias e questionamentos na consciência desses indivíduos.

A existência não é um passatempo, embora muitos existentes possam tratá-la assim. Kierkegaard invoca o olhar do indivíduo para sua interioridade e a capacidade de decisão por uma vida com consciência, responsabilidade e determinação. A travessia para autenticidade e singularidade pode ser acompanhada da dor e sofrimento, mas nem por isso não deixa de ser uma atividade enriquecedora para o existente, passível de descobertas e transformações. Abraão aceita este desafio e sua caminhada ao monte de Moriija não seria apenas - se assim quisermos arriscar - para expressar sua fé e devoção a Deus. Abraão também deseja uma transformação em sua vida que acontece justamente, quando numa experiência absurda, o patriarca consegue saltar em direção ao infinito e recuperar a temporalidade. Abraão escolhe e se responsabiliza pela sua escolha. Toda a dor, a angústia e o sofrimento somam-se a esta escolha, mas ele não desiste. E no retorno para sua casa, o patriarca atinge uma singularidade sem igual, tornando-se autêntico para si e para Deus e tudo isso acontece porque Abraão decide pela “*angústia da busca à paz da acomodação*”, enfrentando um espinhoso caminho a fim de alcançar o seu objetivo.

REFERÊNCIAS

FARAGO, France. **Comprender Kierkegaard**. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2006.

É preferível a angústia da busca à paz da acomodação: Kierkegaard e o exercício da singularidade
SAMPAIO, B. F. K.; SOUSA, S. L.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **A palavra e o silêncio: Kierkegaard e a relação dialética entre razão e fé.** São Paulo: Fonte editorial, 2009.

GRAMMONT, Guiomar de. **Don Juan, Fausto e o Judeu Errante em Kierkegaard.** Petrópolis: Catedral das Letras, 2003.

KIERKEGAARD, Søren-Aabye. Temor e Tremor. In: **Os pensadores.** Tradução de Maria José Marinho. São Paulo: Abril Cultural, 1979a.

_____. O desespero Humano (Doença até a morte). In: **Os pensadores.** Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979b.

_____. **O conceito de angústia.** Tradução de Álvaro Luiz de Montenegro Valls. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2010. (Pensamento Humano).

_____. **Ponto de vista explicativo da minha obra de escritor.** Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1986.